



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de assinatura da ata de fundação do Banco do Sul**

Buenos Aires - Argentina, 09 de dezembro de 2007

Excelentíssimo senhor Néstor Kirchner, presidente da República da Argentina,

Excelentíssima senhora Cristina Fernández de Kirchner, presidente eleita da República da Argentina,

Excelentíssimos senhores, companheiro Evo Morales, presidente da Bolívia; Rafael Correa, presidente do Equador; Nicanor Duarte Frutos, presidente do Paraguai; Hugo Chávez, presidente da Venezuela,

Companheiros e companheiras integrantes das delegações aqui presentes,

Ministros dos países aqui presentes,

Meus amigos e minhas amigas,

Estamos, hoje, dando um passo decisivo na construção do sonho de integração dos povos da América do Sul. Em janeiro de 2006, os companheiros Kirchner, Chávez e os demais presidentes aqui presentes, idealizamos a criação de um banco de fomento genuinamente sul-americano, um banco que pudesse financiar projetos em setores-chave de nossas economias, como infraestrutura, ciência e tecnologia, além de promover o desenvolvimento social com projetos voltados à redução da pobreza e das assimetrias da região.

Caro companheiro Kirchner,

A assinatura desta ata fundacional do Banco do Sul encerra de forma emblemática a sua Presidência, que tanto contribuiu para a união de nossos povos. A maioria dos países da nossa região já se engajou no processo de criação do Banco. O Brasil espera, e todos nós esperamos, que os demais



países se juntem a nós e a esta instituição crucial, que imaginamos no início do ano passado. Sei que amanhã esta ata será também assinada pelo presidente do Uruguai, Tabaré Vázquez. Somente forte, unida e integrada, a América do Sul poderá ocupar o lugar que lhe cabe no concerto das nações e, principalmente, criar condições para o desenvolvimento pleno de nossos povos.

Hoje compartilhamos da convicção de que o futuro de cada um dos países da região depende do futuro dos demais. É com esse espírito que fundamos a União de Nações Sul-Americanas, a Unasul. O Banco do Sul será fundamental para viabilizar as iniciativas de que necessitamos para integrar a nossa região e consolidar a Unasul. Com ele, vamos superar limitações de acesso a financiamentos junto a bancos multilaterais de fomento e bancos privados. Vamos dar passo importante para fortalecer a autonomia financeira da América do Sul. Este será o primeiro banco internacional verdadeiramente controlado pelos países de nosso continente.

A solidez, a viabilidade e, principalmente, a eficácia do Banco do Sul dependerão de práticas e critérios firmes e críveis de governança e administração que combinem, de forma justa e equilibrada, os princípios da representação paritária e da proporcionalidade. Desejamos que o Banco do Sul se transforme em um patrimônio da América do Sul, a serviço do desenvolvimento econômico e social de seus povos. Com a consolidação do Banco do Sul como instituição direcionada a fomentar o desenvolvimento, vamos aprofundar o processo de integração financeira regional.

Iniciativas como a criação de um fundo de estabilização para países com desequilíbrio na balança de pagamentos, de um sistema de pagamentos em moeda local e de um fundo sul-americano de garantias são projetos que poderão diminuir a dependência de nossa região, frente ao sistema financeiro internacional, e consolidar as relações econômico-financeiras entre nossos países.



Caros companheiros presidentes,

Creio que estamos todos de parabéns. Pela negociação, o entendimento e o diálogo inclusivo, chegamos a um resultado aceitável para todos nós. Agora, precisamos permanecer firmes diante dos obstáculos que existem e dos que, certamente, virão. Somente com tenacidade e, sobretudo, com coragem, poderemos deixar para as próximas gerações dos povos da região o legado de uma América do Sul unida, integrada e próspera.

Meus companheiros presidentes, senhoras e senhores,

Eu queria, neste momento em que acabamos de assinar a ata do Banco do Sul, numa homenagem especial ao presidente Kirchner... Inicialmente, estava marcada para o dia 5 de dezembro, em Caracas, e todos nós nos colocamos de acordo de que, na véspera da posse da presidente Cristina, seria importante prestar este gesto ao Kirchner.

Eu queria dizer a todos vocês que é importante que cada representante dos nossos países medite profundamente sobre o que está acontecendo na nossa querida América do Sul. As pessoas podem não concordar com o Lula, com Rafael, com Evo, com Kirchner, com Nicanor e com Chávez. A discordância faz parte da democracia. Mas é importante olhar o que eram os nossos países dez anos atrás, como estava a economia, como estava o salário dos trabalhadores, como estava a nossa credibilidade internacional e como estava a relação entre os nossos países. Havia descrença, as pessoas não acreditavam que nós pudéssemos nos juntar. O Mercosul, diziam alguns, estava quebrado. Não era possível Argentina e Brasil se unirem, não era possível Venezuela e Argentina se unirem, Venezuela e Brasil. Havia motivos e mais motivos para que as pessoas fossem perdendo a confiança.

Eu nem conhecia Kirchner, e ele muito menos me conhecia, quando nos encontramos pela primeira vez em Brasília, próximo do segundo turno das eleições. O que aconteceu é que depois da eleição do presidente Kirchner, nós construímos um dos melhores momentos da história da relação entre Argentina



e Brasil. A nossa relação com a Venezuela, que hoje é uma relação sólida, muito forte, e também muito favorável, e é preciso diminuir essa distância. A nossa relação com o Paraguai, como sempre inquietante, muitas vezes tendo a compreensão do companheiro Nicanor, que quantos discursos ouviu contra o Brasil, ou para *pelear* com o Brasil. O nosso companheiro Evo Morales... Eu acho que o Evo é a coisa mais extraordinária que aconteceu na América do Sul, porque ninguém tem mais a cara da Bolívia do que o Evo Morales. E o nosso mais novo eleito presidente – que amanhã perderá para Cristina, que será a mais nova – o nosso querido Rafael Correa.

Todo mundo aqui – com exceção de Nicanor, que tem mais quase meio ano de mandato ou um ano – tem mais três anos de mandato, pelo menos, alguns têm quatro, outros têm cinco. Exatamente nesse final de mandato, nós temos que fazer o que não foi possível fazer nesses primeiros anos. Já nos conhecemos melhor, já temos uma relação de confiança, os nossos povos desejam que nós avancemos nessa política de integração, temos obras extraordinárias de infra-estrutura para fazer juntos, temos hidrelétricas com a Argentina, com a Bolívia, temos hidrovias, portos e aeroportos com outros países.

Chacho estava em Belém na sexta-feira passada, com os governadores da América do Sul, e eu dizia: ou os países mais ricos compreendem que têm que ter políticas mais favoráveis aos países menores economicamente, ou resolvemos esse problema das assimetrias e as economias mais fortes – sobretudo, como o rei do petróleo, o Chávez –, economias como a argentina e como a brasileira têm uma política diferenciada com os países de economia menor, como Bolívia, como Equador, como Paraguai, como Uruguai, ou a integração continuará a fazer parte dos nossos discursos eleitorais.

Então, a criação do Banco... No ano que vem Argentina e Brasil irão fazer as suas trocas comerciais com as nossas moedas, não será mais o dólar. São começos extraordinários, para que nesses três anos nós avancemos o que



não avançamos nos últimos dez, 15 anos, e construamos, verdadeiramente, uma integração. Eu continuo dizendo, com cinco anos de mandato, o que eu dizia no meu primeiro dia de governo: não existe possibilidade de saída individual para nenhum país. A Argentina não irá bem se o Brasil não estiver bem. O Brasil não irá bem se a Argentina, se a Venezuela, se os outros países não estiverem bem.

E todos nós estaremos melhores quando nos ajudarmos, em vez de digladiarmos. Não existe disputa entre nós. De vez em quando a imprensa tenta mostrar disputa: “quem quer ser líder, quem quer ser mais poderoso”. Em política internacional isso não existe. Em política internacional, ou a gente pensa no futuro e leva em consideração que a paz interna de cada país é extremamente importante para a gente construir o país desenvolvido que nós queremos, ou nós perdemos muito tempo com as pelejas internas, como eu perdi, 2005 e 2006, metade do tempo brigando internamente.

O Brasil vive um bom momento. Eu acredito que aqui todos os países vivam o melhor momento dos últimos dez anos. E só é possível a gente consolidar a integração em momentos de crescimento econômico, em momentos em que a economia está bem, em que a sociedade está otimista. Se não for assim, tudo será mais difícil.

Por isso, eu estou alegre e quero dizer, Kirchner, que foi uma extraordinária alegria governar o Brasil no momento em que você governou a Argentina. Tenho a convicção de que aprendi muito contigo e, certamente, Cristina também aprendeu. Portanto, se Cristina aprendeu contigo e eu aprendi, Cristina e eu temos a obrigação de fazer muito mais do que nós dois fizemos.

Parabéns e felicidades.